

## A cegueira da visão segundo Merleau-Ponty

Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha  
(UFPB – João Pessoa – PB – Brasil)  
[caminhairaquitan@gmail.com](mailto:caminhairaquitan@gmail.com)

**Resumo:** Nosso artigo tem como objetivo analisar como Merleau-Ponty considera a visão como impregnada de visível e invisível. Tal análise nos conduziu a mostrar que, paradoxalmente, a cegueira está sempre presente na visão. Tratamos da visibilidade se instaurando enquanto estrutura dinâmica como forma visível que se põe a aparecer e aquele que vê enquanto corpo que se põe a ver. Examinamos a instauração da visibilidade no seio da pintura de Cézanne como expressão da configuração nascente do visível. Concluímos que a visão é fruto da experiência de se aproximar do visível e não de vê-lo como um objeto em sua plenitude, permitindo, desse modo, afirmar que a visão tem sempre um ponto sombrio.

**Palavras-chave:** Visibilidade; Invisibilidade; Merleau-Ponty.

### 1. Considerações iniciais

O contato com o método fenomenológico mudou de forma decisiva a maneira de Merleau-Ponty construir seus argumentos filosóficos. Foi com base na possibilidade de suspender seus juízos tomados como certos, por meio da *epoché*, que Merleau-Ponty fez de sua prática filosófica uma retomada permanente da experiência perceptiva ou do retorno às coisas mesmas. No seu esforço de reaprender a ver o mundo, Merleau-Ponty (1992a) se deparou com o caráter paradoxal da visão. Por um lado, ver nos dá a certeza de que a percepção se abre sobre coisas ou alcança objetos. Por outro, pelo processo da *epoché*, devemos colocar essa certeza em suspenso se quisermos descrever como as coisas nos aparecem enquanto presença, possibilitando um acesso ao sentido originário ou pré-objetivo do aparecer da coisa visível desprovida de prejuízos.

Segundo Merleau-Ponty (1992a), vemos as coisas mesmas, o mundo é aquilo que vemos. Isso significa dizer que as coisas mesmas são o que nós vemos e tudo o que vemos não é senão as coisas mesmas. As coisas não possuem aparência visível senão forem percorridas por um olhar e não podemos admitir que um olhar se realize se as coisas não forem aparições visíveis para ele.

Não se pode admitir um mundo visível sem um sujeito que o veja, mas tal sujeito não realiza a experiência de ver se o mundo não for visível para ele. Existe uma dupla situação que marca o caráter paradoxal da visão: para se admitir a efetividade da experiência de ver, precisamos apelar para uma dimensão subjetiva que exige um olhar que se dirige para ver às coisas e, ao mesmo tempo, para se garantir que alguém possa ver, precisamos recorrer à exigência de que as coisas sejam visíveis. Nesse sentido, o aparecimento do mundo depende de minha visão particular, mas,

para poder efetivamente ver, minha visão precisa entrar em contato com um mundo visível independente dela.

A visão trás consigo todo o peso de poder ter acesso a algo que é exterior. É pela visão que a exterioridade se revela por excelência. Mas, não podemos falar de exterior sem a experiência de um olhar que ver o espetáculo visível do mundo. Ora o sujeito que vê se afirma como subjetividade que se lança no mundo para ver e, ao mesmo tempo, ora o sujeito que vê se nega ausentando-se de si mesmo para que o mundo visível seja exterioridade. O mundo visível é coexistência com minha visão, mas também é ser sem mim. A visão tem ao mesmo tempo poder subjetivo, que realiza a experiência de ver, e poder ontológico, que nos dá acesso ao mundo em sua exterioridade.

Para Merleau-Ponty, é impossível, se consideramos a experiência mesma de ver, isolar absolutamente uma coisa percebida da paisagem perceptiva que forma a visão, quando lançamos nosso olhar para ver. A coisa percebida não é uma espécie de átomo visível que se revela a um olhar desprovido de uma presença no mundo. É por essa razão que Merleau-Ponty não coloca apenas o problema do aparecimento do mundo visível, mas, sobretudo, a questão da visibilidade se instaurando.

Pensar a cegueira da visão significa, para nós, encarar de maneira radical, o problema do movimento da emergência do próprio visível em seu processo de aparecimento. Nesse sentido, o destaque de investigação não é apenas o elo indivisível entre o sujeito que vê e a coisa percebida, mas o visível aparecendo originalmente na experiência de ver enquanto dinâmica de aparecimento do ser do visível. Logo, a *epoché* toma o sentido de ser o momento em que deixamos a coisa visível desdobra-se do seu modo (ESCOUBAS, 1995).

Deparamo-nos com uma filosofia em que é o próprio olhar que, originalmente, interroga as coisas visíveis com base na sua experiência de se dirigir para ver. O olhar realiza os movimentos de abertura ao que há de visível no mundo. Segundo Merleau-Ponty, “nós conseguimos ver tão longe quanto se estende o poder de nosso olhar sobre as coisas, - muito para além da área de visão clara e até mesmo atrás de nós” (MERLEAU-PONTY, 1992a, p. 321). A experiência de ver nos lança para o horizonte aberto do visível que não se reduz ao aparecimento de um objeto isolado.

O foco das atenções de Merleau-Ponty é o aparecer do que aparece. Desse modo, sua filosofia considera que a visão não alcança uma visão plena do que aparece. Aquilo que é visível tem sempre aspectos invisíveis. Os olhos que se dirigem ao mundo para ver ganham uma relação de proximidade com as coisas visíveis, mas também ganham uma relação de distância daquilo que não se vê, revelando uma cegueira da visão. As limitações de nosso olhar atual não conseguem ver o

visível na sua plenitude. Nessa perspectiva, a visibilidade comporta no seu âmago um núcleo de invisibilidade (BARBARAS, 1989).

Merleau-Ponty mostra que o invisível está sempre atado ao visível. Um habita o outro. Desse modo, “ver é sempre ver mais do que se vê” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 300). O aparecer do que aparece é inesgotável. Não há olhar sem ponto de vista. Quando um olhar gira em torno de um determinado dado, ele é capaz de ver aparecer os lados do dado. Aquele que vê não está vendo apenas projeções ou perfis do dado, mas o dado ele mesmo, ora de um ponto de vista ora de outro. O dado, visto como uma certa unidade visível no horizonte da visibilidade, não é uma soma de aspectos visíveis, mas uma fisionomia concreta que aparece nos diferentes modos do mundo visível se fazer visível. Aquilo que não é visto não pode ser aniquilado como um invisível que não conta para o visível.

É o invisível do visível que mostra que, paradoxalmente, a visão possui uma cegueira insuperável. Para demonstrar essa cegueira, apresentaremos nossos argumentos em duas partes. Uma, versará sobre a visibilidade se instaurando, que examinará o problema da gestação do mundo visível fazendo-se visível. Outra, a posição filosófica de Merleau-Ponty de reaprender a ver o mundo por meio de Cézanne, que discutirá o poder de realização do visível pela arte de pintar como expressão da configuração dinâmica do visível que comporta o invisível.

## **2. A visibilidade se instaurando**

Merleau-Ponty considera como ponto de partida para se pensar a visibilidade se instaurando a condição existência de já sermos situado no mundo vivível, que é o lugar em que toda visibilidade de desdobra em aparências visíveis. Não podemos considerar as coisas visíveis como se elas fossem objetos extensos ocupando um espaço geográfico que visamos pelo lado de fora. O olhar explora as paisagens visíveis habitando nelas. Dessa forma, a percepção se faz lá, no mundo, e ela se faz aqui, em mim (BARBARAS, 1994, p. 4).

O sujeito que vê é abertura para o mundo visível por meio de seu corpo que também é visível para si mesmo. Aquele que vê vive originalmente como um sujeito que vê a si mesmo. A experiência de ver não é apenas um ato de se dirigir para algo exteriormente visível sem considerar que o olhar que se dirige para ver já se encontra habitando o visível com seu corpo. Todo olhar é movido por um corpo, que é nosso ponto de vista sobre o mundo (MERLEAU-PONTY, 1992a).

Uma coisa visível não é uma coisa estática que age sob receptores passivos e indiferentes. A visibilidade é uma estrutura dinâmica que se instaura como uma estrutura dinâmica, expressando a situação do corpo dirigindo-se para o mundo visível que o envolve em todas as direções. Nesse sentido, a

visibilidade é uma forma visível que se põe a aparecer e aquele que vê é um corpo que se põe a ver. O corpo que experimenta ver carrega consigo a condição de ser corpo que se situa dinamicamente no mundo visível e, ao mesmo tempo, tem um parentesco radical como esse mundo. Ambos são feitos do mesmo estofado, diz Merleau-Ponty (1992b).

Aquele que vê não é estranho ao mundo visível. Desse modo, nenhuma visão pode romper o estofado que a religa ao mundo visível, tendo em vista que ela já é presença no mundo que se faz visível. Para que uma coisa se instaure como visível, é necessário que ela mesma se preste a uma manifestação visível que se oferece a uma percepção. Caso não haja uma disposição para a experiência de perceber fundada na condição de habitar o mundo visível, também não podemos admitir um sujeito que percebe.

O ponto de partida para qualquer definição da visão é sempre nossa condição de habitarmos nela. O visto depende de um sujeito que vê, mas esse está encarnado na visão. Eis razão de um ponto sempre cego, pois a visão nunca pode sobrevoar o mundo visível. Tudo o que se faz visível é sempre limitado pela nossa condição de ser sempre no mundo. Toda visão é sempre minha visão, mas também é sempre visão do mundo e a partir do mundo que se faz visível. É impossível se ausentar do mundo para vê-lo.

A visão revela, para Merleau-Ponty (1991), uma certa “loucura da visão”, no sentido em que ela faz com que o olhar se dirija para o mundo visível para vê-lo e, ao mesmo tempo, que não haja visibilidade sem uma coexistência radical entre meu olhar e o mundo. A visão nos dá a certeza de que há ser, mas o ser da visão é sempre ser para mim.

A experiência de ver é acompanhada da experiência de se fazer presente ao mundo visível. O ser do mundo consiste em ser visível para aquele que o vê, mas o sujeito que percebe não pode reduzir o visível a um conjunto de representações no interior de uma consciência fechada sobre si mesmo desapegada do mundo visível. Toda visão se realiza num campo visual, que permite o mundo visível ser sempre para mim e, ao mesmo tempo, ser desprovido de mim mesmo.

A experiência da visão não é fruto de um olhar que se paralisa atentamente diante de um objeto visível. O corpo que vê é capaz de motricidade que opera movimentos que se lança para ver as diferentes facetas daquilo que é visível. A visibilidade se instaurando não é a manifestação de um objeto estático que age sobre receptores passivos e indiferentes. Ela é uma estrutura dinâmica, que manifesta o sentido de uma situação do corpo dirigindo-se para o mundo visível que o envolve em todas as direções. O percebido é, antes de tudo, uma forma visível que se põe a aparecer, e aquele que vê é um corpo que se põe a ver. A visibilidade se instaurando é um campo dinâmico de aparência que se manifesta como correlato do corpo que vive encarnado sem nunca se retirar do mundo percebido.

Em sua instauração, as formas visíveis não são organizações objetivas estáveis e constantes, elas

são organizações móveis e variáveis. É a dinâmica da aparência que interessa a Merleau-Ponty para elaborar sua perspectiva fenomenológica. É nesse contexto, que a fenomenologia do filósofo examina a experiência perceptiva para tratar não apenas do aparecimento do mundo percebido, mas, sobretudo, para investigar a instauração do que vem a ser o próprio aparecer (CAMINHA, 2010).

Pensamos que o foco das atenções de Merleau-Ponty não se restringe a estrutura do fenômeno da visibilidade, mas o movimento da emergência da própria visibilidade ou o processo de sua instauração. O propósito é alcançar a visibilidade se doando enquanto ser visível. A percepção é, desse modo, uma abertura para o visível em que se está situado como presença e não um ato de representação que reduz o mundo visível a um conhecimento objetivo e abstrato.

O visível não a é a identificação muito precisa e determinada de uma figura no fundo de um nada. A visibilidade é espetáculo dinâmico que se dá como tal no processo de instauração. Tudo aquilo que é visível se reporta a um horizonte. Sua aparência se dá apenas se referindo a outros visíveis. Qualquer porção visível singularizada do mundo é sempre abertura para outro que se próprio. O mundo visível, que permite uma figura aparecer, nunca é um fundo inerte e recuado. Desse ponto de vista, a visibilidade se dá sempre como um sistema permanente de tensões. Toda unidade visível é fruto de um jogo de tensões no interior de uma paisagem visual.

Todo visível é uma unidade tensorial e não uma unidade positiva suspensa no nada. É nesse sentido que a fenomenologia de Merleau-Ponty é um retorno às coisas mesmas no movimento de instauração de suas aparências. Essa fenomenologia exige também um retorno à experiência de se lançar no mundo para ver a visibilidade se instaurando.

A visibilidade do visível não é a soma de qualidades visuais de um objeto determinado, tendo em vista que, para Merleau-Ponty, não se distingue essas qualidades do próprio objeto que se vê, concretamente, enquanto espetáculo visível. A identidade ou reconhecimento de um visível singular nas paisagens visíveis do mundo não é fruto da experiência de conhecer, que tem o poder de fazer uma síntese das diferentes variações daquilo que se faz visível.

Para se compreender a visibilidade se instaurando não basta dizer que aquilo que é visível se define como uma soma de qualidades visíveis capturadas pelas sensações ou como um fragmento de extensão acessível ao entendimento. É preciso apelar para a presença visível daquilo que se faz visível como espetáculo concreto para o meu olhar. Somente assim, podemos alcançar o visível em sua maneira original de existir. É por essa razão que a fenomenologia de Merleau-Ponty pretende destacar radicalmente o plano sensível da experiência de ver para que seja possível se ter acesso à visibilidade se instaurando. Tal perspectiva fenomenológica não coloca apenas o problema da percepção do aparecimento, mas,

sobretudo, a questão da instauração do próprio aparecer. Nesse sentido, o que está em questão não é apenas a estrutura do fenômeno da visibilidade, mas o movimento da emergência da visibilidade se estruturando enquanto fenômeno.

Para Merleau-Ponty (1992a), nosso corpo que se lança intencionalmente para ver pressupõe uma adesão cega ao mundo. Qualquer aparência visível deriva originalmente dessa adesão, que é de natureza pré-objetiva. A visibilidade vivida não nos dá acesso a um conjunto de objetos precisamente delimitados. Tudo o que aparece é sempre no fundo do mundo, que nunca se recua como um horizonte inerte. A visibilidade é sempre considerada de dentro do mundo. Tudo o que é visível não é uma coisa inerte que aparece em total transparência. A visibilidade é ligada ao nosso corpo e inseparável do campo perceptível que lhe permite aparecer. Nesse sentido, ver é sempre a experiência resultante do jogo de tensão entre atos de aproximações e distanciamentos do que se intenciona ver.

É no contexto de considerar a visibilidade se instaurando que Merleau-Ponty recorre à pintura de Cézanne para mostrar que a pintura nos lança na irrupção do fenômeno do aparecer. Um quadro lança enigmas para olhar, que exige do corpo participar da totalidade do acontecimento de instauração da visão. Somente vemos algo porque dispomos de uma conduta do olhar, que mobiliza todo o corpo como um sistema de potências perceptivas. Logo, “as coisas fazem parte de meu ambiente e existem de uma maneira mais profunda do que simples objetos: elas entram em um certo tipo de diálogo com nossa própria vida cuja natureza inteira é a encenação” (DÉLIVOYATZIS, 1995, p. 280). A visibilidade é sempre um espetáculo dinâmico que aparece como um sistema aberto de aparências flutuantes. A variação dessas aparências é experimentada pelo corpo que redescobre continuamente o mundo.

### **3. Reaprendendo a ver com Cézanne**

Merleau-Ponty recorre à pintura de Cézanne para mostrar que ver é sempre por dentro do mundo. A pintura de Cézanne é testemunha exemplar do movimento do tornar-se visível como expressão dinâmica das paisagens visíveis do mundo. Nos seus quadros, o fenômeno do aparecer torna-se radicalmente expressão do mundo por meio do corpo.

A fenomenologia de Merleau-Ponty não considera o fenômeno como estrutura acabada e pronta para ser capturada por um olhar qualquer, mas aparências que se instauram por meio da relação do corpo com o mundo. Não há mundo sem corpo e não há corpo sem mundo. O visível é fruto de uma experiência de trocas que se dá no jogo de se lançar “lá” sempre do ponto de vista de um “aqui”.

Os quadros de Cézanne não são reproduções de um mundo dado que se transfere para as

telas, mas mundos criados ou inventados pelo surgimento de formar que se fazem visíveis pela dinâmica das cores situadas nas telas. Por meio de Merleau-Ponty, a fenomenologia se encontra com a pintura de Cézanne na medida em que ambas se ocupam da expressividade do que se faz presente no mundo como movimento de aparecer. Isso não significa dizer que a expressividade seja considerada como a diversidade de interpretações em torno dos motivos que o artista deseja exprimir em seus quadros, mas, fundamentalmente, como o movimento do aparecer das formas percebidas. É por essa razão que, segundo Merleau-Ponty, Cézanne somente começou a pintar a expressão no momento em que “ele aprendeu pouco a pouco que a expressão é a linguagem da coisa mesma e nasce de sua configuração” (MERLEAU-PONTY, 1992a, p. 372).

A filosofia de Merleau-Ponty procura interrogar não aquilo que Cézanne exprime quando formula opiniões sobre o mundo visível, mas sua própria visão fazendo-se expressão visível em seus quadros. As reflexões de Merleau-Ponty sobre a pintura de Cézanne levam o filósofo a radicalizar sua tese, segundo a qual, na experiência de ver, aquilo que se faz visível se torna visão apenas pelo outro que si. É nesse sentido que ele afirma que, “quando eu vejo através da espessura da água o piso no fundo da piscina, não o vejo apesar da água, dos reflexos, eu o vejo justamente através deles, por eles” (MERLEAU-PONTY, 1992b, p. 70). Logo, deixar-se aparecer é sempre a expressão de estar entre uma rede de formas visíveis que constitui a paisagem de onde o visível se torna visível para nosso olhar.

Com base na compreensão de que Cézanne realiza sua pintura tentando mostrar o que aparece entre uma pincelada e outra, Merleau-Ponty considera que a visibilidade se forma dinamicamente no jogo de tensões entre os diferentes percebidos que compõem a paisagem visível percorrida pelo olhar. Nesse sentido, o que se vê não é apenas a identificação evidente de um objeto percebido, que se faz visível como o desdobramento de uma unidade percebida absolutamente isolada. Para Merleau-Ponty, “o ato de pintar é composto de duas faces: há a pincelada ou o traço de cor, que se coloca em um ponto da tela, e há seu efeito no conjunto” (MERLEAU-PONTY, 1993, p. 57).

Para Merleau-Ponty, Cézanne não procurava, por meio de suas pinceladas, sugerir um mundo, mas apresentar ou exprimir o mundo ele mesmo em seu aparecimento. O esforço de mostrar a instauração, realizada pelo pintor, é, muito pelo contrário, o ato de revelar um mundo nascido da configuração de um percebido, que se faz visível na paisagem do quadro. De um lado, é possível conceber a pintura como uma imitação ou uma representação de uma realidade do mundo percebido; de outro, em compensação, é possível tratar a pintura como sendo originariamente a retomada imediata de nossa existência nesse mundo que o pintor quer tornar visível através de um quadro.

Quando Cézanne dispõe uma pincelada de cor na tela, esta “não é um átomo indivisível que daria

de um só golpe sua identidade, é, antes, um nó em uma intriga de participações e variações” (TAMINIAUX, 1997, p. 84). Com efeito, uma cor colocada sobre uma tela não é uma qualidade fixa, mas uma existência atmosférica, sempre submetida às relações mantidas com sua circunvizinhança. Assim, para Merleau-Ponty, “uma linha é um vetor e um ponto, um centro de força” (MERLEAU-PONTY, 1991, p.248), quando são considerados como concreções de visibilidade. No espaço pictórico em que o visível aparece dinamicamente como expressão de uma paisagem, a estruturação daquilo que nós vemos é constantemente derivada de um sistema de tensões. Esse sistema forma, assim, uma espécie de “lençol tensorial” que faz vibrar a paisagem do quadro para instaurar a visibilidade mesma (GUIRAUD, 1970, p. 20).

Para Merleau-Ponty, Cézanne considera a visibilidade como um organismo nascente que ele traz vivo para suas telas. Desse modo, a pintura não é somente a transposição de uma paisagem primeiramente vista do lado de fora e, depois, disposta em um quadro. Nós pensamos que Cézanne quer deixar a própria natureza se mostrar através de suas pinceladas vibrantes. A insistência fenomenológica, proposta por Merleau-Ponty, de retornar às coisas elas mesmas, pode ser comparada ao esforço de Cézanne de fazer de sua arte a tarefa de pintar o visível se instaurando.

Em sua instauração, o visível não é o objeto inteiramente estendido e absolutamente visível, já que ele é um fenômeno que se mostra, quer dizer, que ele se torna dinamicamente visível a um corpo que percebe. Buscar produzir uma pintura que revele a textura do ser visível foi o que seduziu Merleau-Ponty a filosofar sobre a pintura de Cézanne. O pintor permitiu o filósofo colocar em suspenso a ontologia ingênua de que a visão é sobrevôo. Nessa perspectiva, Merleau-Ponty, amparado na fenomenologia, se propõe a descrever o mistério da visão no lugar de explicá-la.

A visão é experiência do corpo. Logo, a visão se entrelaça com os movimentos do corpo. A visão decorre dos movimentos do corpo que se posiciona para ver. A pintura de Cézanne possibilitou Merleau-Ponty compreender que ver é a experiência de poder alcançar o mundo com o corpo. Se o corpo não pode sair do mundo para ver, ele pode se posicionar pela dinâmica de seus movimentos para ver em diferentes ângulos. É nesse contexto que Merleau-Ponty (1992b) afirma que aquele que vê não se apropria daquilo que é visto; apenas se aproxima ou se abre para o mundo.

A pintura de Cézanne permitiu Merleau-Ponty reaprender a ver na medida em que o filósofo se deu conta de que ver não é tomar posse daquilo que se vê, mas o movimento de se aproximar e de se distanciar dele. Com base nesse movimento é possível compreender a presença de uma cegueira constitutiva da visão. É por essa razão que Merleau-Ponty afirma que o visível comporta uma dimensão de invisibilidade. Há sempre naquilo que é visto algo que se esquivava da visão.

A invisibilidade constitutiva da visão significa dizer que existe sempre uma cegueira que nunca permite a visão se revelar em sua plenitude. É por esse motivo que Merleau-Ponty sustenta que a própria visibilidade comporta uma não-visibilidade, no sentido em que “o in-visível é a contrapartida secreta do visível” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 269). O visível nunca se reduz àquilo que é observável. Isso exige uma renúncia à noção de determinação plena daquilo que se manifesta visível ao nosso olhar. Eis porque o invisível permanece retido no visível, no sentido em que cada visível tem seu revestimento de invisível.

Os quadros de Cézanne são para Merleau-Ponty mundos que seduzem a exploração do olhar. O corpo que, em contato com os quadros do pintor, encontra um excesso de realidade vibrante que suscita explorações visuais. Dessa maneira, a visão não é fruto de uma atividade de conhecimento fundada num sujeito pensante, que determina o que se vê de forma clara e evidente ou num sujeito empírico, que é a fonte de recepção das qualidades sensíveis do que se vê de forma objetiva.

A fascinação do visível dos quadros de Cézanne é comum ao mundo visível tal como temos acesso diretamente pelo olhar. Revelação e ocultação são encontradas nos quadros do pintor como sinal de uma profundidade do mundo que impede toda manifestação acabada e saturada da visão. A obra de Cézanne, que manifesta o desejo de pintar, o poder de tornar-se visível do mundo, foi decisiva para a filosofia de Merleau-Ponty mostrar a invisibilidade constitutiva do visível, indispensável para se reconhecer a cegueira da visão.

#### **4. Considerações finais**

Merleau-Ponty não faz da sua filosofia apenas uma reflexão estética sobre a pintura de Cézanne para pensar a visão. Muito pelo contrário, a experiência estética de instaurar o visível na tela por meio das tensões entre as cores é modeladora da filosofia de Merleau-Ponty. Decorre dessa experiência toda força de uma filosofia aberta e inacabada que considera a visão a partir de seu enraizamento no corpo e no movimento.

A pintura de Cézanne é exemplar para Merleau-Ponty mostrar que a percepção visual não é a mera recepção de conteúdos visuais pelos olhos como aparelhos receptores, bem como não é a apreensão intelectual de objetos pelo pensamento que conhece pela faculdade do intelecto. A percepção visual é a experiência entrelaçada de corpo e movimento que alcança o mundo visível na forma de sua presença e não de sua representação. Tal alcance se dá pelo jogo de aproximações e distanciamentos, que estabelece condições de vínculos com o mundo. A visão é, assim, encarnada, impossibilitando qualquer manifestação de sobrevôo que reduz aquilo que se vê a um objeto apropriado integralmente.

Por realizar aproximações e distanciamentos, a visão, considerada encarnada no mundo por Merleau-Ponty, tem sempre um ponto sombrio que a arrogância da razão científica e instrumental se recusa a reconhecer. O mais grave é quando o filósofo adota essa postura de ver tudo com clareza, sem mistério e sem opacidade.

### Referências

BARBARAS, Renaud. Phénoménalité et signification dans le visible et l'invisible. In: *Les cahiers de philosophie*, n. 7, 1989.

\_\_\_\_\_. *La perception. Essai sur Merleau-Ponty*. Paris: Hatier, 1994.

CAMINHA, Iraquiati de Oliveira. *O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e percepção na filosofia de Merleau-Ponty*. João Pessoa: Editora Universitária, 2010.

DÉLIVOYATZIS, Socratis. *La Dialectique du phénomène (Sur Merleau-Ponty)*. Paris: Seuil, 1995.

ESCOUBAS, Eliane. *L'espace pictural*. Fougères: Encre Marine, 1995.

GUIRAUD, Jean. *Énergétique de l'espace*. Louvain: Vander, 1970.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1992a.

\_\_\_\_\_. *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1991.

\_\_\_\_\_. *Signes*. Paris: Gallimard, 1993.

\_\_\_\_\_. *L'Oeil et L'Esprit*. Paris: Gallimard, 1992b.

TAMINIAUX, Jacques. *Le regard et l'excédent*. La Haye: Martinus Nijhoff, 1977.

## The blindness of vision according to Merleau-Ponty

**Abstract:** Our article aims to analyze how Merleau-Ponty considers vision as imbued with visible and invisible. This analysis led us to show that, paradoxically, blindness is always present in the view. We deal with visibility being established as a dynamic structure as a conspicuous manner that sets the show up and that who sees as body which gets to see. We examined the establishment of visibility within the painting of Cézanne as an expression of the visible spring configuration. We conclude that vision comes from experience of approaching the visible and not see it as an object in its fullness, allowing thereby, to affirm that vision always has a dark spot.

**Keywords:** Visibility; Invisibility; Merleau-Ponty.

Data de registro: 01/07/2014

Data de aceite: 03/09/2014